

COMTEXTOS

WORKING PAPERS - N.º 8 | 2023

JORNALISMO TRANSMÉDIA E LITERACIA MEDIÁTICA: PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS EM CONTEXTO ESCOLAR NO COMBATE À DESINFORMAÇÃO

EDUARDO FARIA
JOSÉ GABRIEL ANDRADE

COMTEXTOS

Publicação eletrónica seriada do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais - Polo da Universidade do Minho (CICS.NOVA.UMinho)

ISSN 2182-7672

Comissão Científica:

Teresa Mora (diretora)

Vera Duarte

Joaquim Silva

Edição:

Rafaela Ribeiro

Morada de contato:

Universidade do Minho,

Instituto de Ciências Sociais

Campus de Gualtar

4710-057 Braga

Tel: +351 253 601 752

comtextos_cics@ics.uminho.pt

Jornalismo transmídia e literacia mediática: participação dos jovens em contexto escolar no combate à desinformação

EDUARDO FARIA*

JOSÉ GABRIEL ANDRADE**

Resumo

Os jovens têm um papel importante no combate à desinformação, em especial no Brasil, em que a população abaixo dos 30 anos representa mais de 42% da população. A relação entre o jovem e os média demanda novas formas de pedagogia de ensino que possam promover diferentes níveis de literacia. Neste sentido, a educação escolar pode ser o caminho para despertar nos jovens novos saberes sobre os média, auxiliando-os nos processos que incidem sobre a informação jornalística e o combate à desinformação. A convergência entre os média possibilitou a proliferação de narrativas que, com a democratização das redes digitais e dos dispositivos tecnológicos, passaram a circular de maneira transmediática, alterando a forma como as informações são produzidas, consumidas e mediatizadas. Esta pesquisa apresenta alguns dados considerados relevantes, extraídos de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho. Os dados foram colhidos presencialmente em escolas públicas brasileiras, visando avaliar as percepções e práticas dos estudantes quanto aos média e, conseqüentemente, às leituras transmídia da informação e à identificação da desinformação.

Palavras-chave: Jovens e literacia; Narrativa transmídia; Jornalismo transmídia; Literacia mediática; Desinformação transmídia.

Abstract

Young people play an important role in combating misinformation, especially in Brazil, where the population under 30 represents more than 42% of the population. The relationship between young people and the media demands new forms of teaching

* Universidade do Minho | eduardofaria202@gmail.com

** Universidade Católica Portuguesa e Universidade do Minho | jgandrade@ics.uminho.pt

pedagogy that can promote different levels of literacy. In this sense, school education can be the way to awaken new knowledge about the media in young people, helping them in the processes that affect journalistic information and the fight against misinformation. The convergence between the media allowed the proliferation of narratives that, with the democratization of digital networks and technological devices, began to circulate in a transmedia way. Changing the way information is produced, consumed and mediated. It can be considered, therefore, that the Culture of Convergence (Jenkins, 2019; Scolari, 2013) imposed new realities that cross the use of technologies, the public, the media market, the narratives produced by the media (...), until reaching the education. This research presents some data considered relevant, extracted from the master's research in Communication Sciences by the University of Minho. The data correspond to research applied face-to-face in Brazilian public schools, with the objective of evaluating the level of literacy on the part of students regarding the average and, consequently, the transmedia readings of information and identification of misinformation.

Keywords: Youth and literacies; Transmedia storytelling; Transmedia journalism; Media literacy; Transmedia disinformation.

Introdução

A convergência entre jornalismo e educação é necessária em tempos em que a desinformação toma conta dos média (Brites, 2015). Incentivar os jovens na busca pela informação de qualidade não é o suficiente por parte da escola. É preciso, antes de tudo, promover formas de literacia mediática, digital e cívica (Cardoso & Baldi, 2018) que insiram os jovens num mundo que se desenvolve e se estabelece sobre as narrativas e onde as narrativas são transmediatizadas e fluidizam-se entre informações e desinformações nas redes.

Para Jenkins (2019), a narrativa transmédia corresponde à utilização de diferentes plataformas mediáticas que convergem para contar uma história, sendo que cada novo texto contribui para a narrativa principal. A lógica da narrativa transmédia parte do pressuposto de que um único texto não consegue abranger todo o conteúdo de uma narrativa, sendo preciso fragmentá-lo em narrativas menores que complementam o enredo central. Na *Sociedade da Informação* (Castells, 2007), desinformação e informação formam um imenso hipertexto (Levy, 1994), tornando-se necessário propor discussões sobre os média com o intuito de despertar a consciência crítica em torno das narrativas consumidas pelos jovens.

Paulo Freire (1987), considera que o processo de aprendizagem deve partir da educação-ação. Nesta perspetiva, a educação não se limita a lecionar apenas o conteúdo programado e estático descrito nos livros, como também recorre às narrativas de um mundo dinâmico e em movimento como método de

aprendizagem. Neste sentido, a comunicação, os média, o jornalismo, a informação e, sobretudo, a desinformação, não são apenas pautas que integram o mundo fora dos muros da escola. A educação em tempos de convergência considera os média de comunicação e informação – do qual o jornalismo faz parte – nos processos de aprendizagem. Contempla o jornalismo como um exercício para a liberdade da informação; a narrativa jornalística como fonte de conhecimento e a desinformação como um problema a ser combatido.

O uso da narrativa transmídia possibilitou a exploração e a expansão de uma história pelos média de comunicação, informação e do entretenimento, através da fragmentação narrativa dispersa por múltiplas plataformas. Deste modo, a fluidez de uma história consegue ser grande o bastante para oferecer um universo de possibilidades ao público. Além disso, a narrativa transmídia também alterou a estrutura convencional dos média com o público, exercendo uma certa convergência entre produtor e recetor (Jenkins, 2019; Scolari, 2013; Mittermayer, 2017). Esta forma de narrativa reestruturou as hierarquias que existiam entre os “detentores de conhecimento e os recetores de conteúdo” (Alves, 2015, p. 30) através da participação do público na construção das narrativas.

Contudo, quando falamos em convergência, não nos referimos apenas ao uso de computadores dentro da sala de aula, mas, também, de uma prática pedagógica que possa abranger os média nas discussões e nos processos educativos. A partir do estreitamento das relações entre a educação com os média, ou seja, das práticas pedagógicas com as narrativas dos média, abrem-se possibilidades para que os estudantes possam adquirir habilidades de leitura transmediática. Nesta perspetiva, cruzar os caminhos de leituras transmediáticas das informações com a educação escolar é uma tentativa de lançar uma discussão em torno das informações que circulam de forma fragmentada e que exigem novos comportamentos de leitura por parte do público – neste caso, tendo o público jovem.

Neste cenário em que convergência estimula a aparição de múltiplas narrativas (informativas e desinformativas), que circulam de forma transmediática, é preciso pensar no modo em como a educação escolar pode atuar na promoção de novas formas de literacia aos jovens. Tendo isso, a hipótese que norteia esta pesquisa é que o ensino público no Brasil não oferece uma educação escolar que integra os desdobramentos da convergência entre os média, impossibilitando que os estudantes desenvolvam habilidades que possam contribuir com a leitura das narrativas transmédicas das informações nos média. Desta problemática, busca-se identificar, através do inquérito, os hábitos e práticas de consumo, além das concepções dos estudantes, em relação aos média de comunicação e informação. A adoção do inquérito como ferramenta de pesquisa justifica-se no esforço de traçar o perfil dos estudantes de escolas públicas em relação aos média, tecnologias e informação.

1. Metodologia

Esta investigação pretende buscar respostas sobre a atuação da educação escolar, no ensino público brasileiro, na promoção de novas formas de literacia mediática aos jovens, através da integração dos média na dinâmica de ensino. Para tanto, compreende-se a escola como espaço para a construção do saber que também participa da realidade dos média em tempos de convergência. Ao abordarmos a educação escolar com os média, ponderamos que as percepções e comportamentos do público-alvo em relação aos média de informação e comunicação também partem (mas não exclusivamente) da atuação da educação, quanto ao estímulo de diferentes propostas de ensino que possam integrar conteúdos mediáticos.

O estudo recorre à abordagem quantitativa, através da aplicação de inquéritos em duas escolas públicas brasileiras. Segundo Malhotra (2006, p. 154), esta técnica de recolha de informações permite quantificar os dados colhidos por instrumentos estruturados. A sua análise será feita através da estatística descritiva.

Para Zanella (2013), o método quantitativo preocupa-se com a representação numérica, objetivando a medição mais precisa dos resultados de uma determinada parcela da população. A autora argumenta que a adoção deste método de pesquisa justifica-se na intenção de descobrir quanto uma parcela da população compartilha características em comum. “A pesquisa quantitativa é apropriada para medir tanto opiniões, atitudes e preferências como comportamentos” (Zanella, 2013, p. 95).

A amostra utilizada nesta pesquisa é composta por 200 estudantes do ensino médio, com idades compreendidas entre 15 e 18 anos, embora alguns estudantes tenham idade superior. Aquando da pesquisa, os alunos estavam matriculados no ano letivo de 2020, do 1º ao 3º ano do ensino médio, em duas escolas de educação pública em São José dos Campos, no interior de São Paulo, Brasil, mais adiante mencionadas, sendo 100 alunos de cada uma das unidades escolares e tendo cada uma das unidades escolares duas turmas do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio. Quando pensámos na realização do inquérito, desde o início, a ideia foi aplicá-lo a 100 alunos de cada escola, já que a pesquisa seria realizada de forma impressa, por falta de computadores nas unidades, e os dados seriam tabulados manualmente. Estipulávamos, então, uma média de 15 a 20 participações por turma, a depender do interesse dos estudantes.

Nas escolas, passámos em cada uma das salas do 1º, 2º e 3º ano e, após explicarmos a proposta da pesquisa, convidámos os interessados a participar. A pesquisa foi realizada dois dias antes do lockdown pela Covid-19, em março

de 2020, sendo que já não havia uma frequência satisfatória nas duas unidades, o que dificultou a coleta de dados. Além disso, muitos estudantes recusaram-se a participar da pesquisa. Considera-se, a este respeito que a aplicação do inquérito impresso pode ter influenciado na resistência na participação entre os estudantes. Dadas estas dificuldades, não foi possível obter um número exato de estudantes por turma.

Desta forma, a distribuição da amostra não corresponde a uma percentagem exata de participantes por ano escolar e por turma. Sendo assim, 11% dos estudantes são do 1º ano do ensino médio, 13% do 2º ano e 76% são alunos do último ano do ensino escolar. Apesar de reconhecermos que o não cumprimento da percentagem de participantes por turma que havíamos estipulado (uma média de 15 a 20 participações por turma, conforme mencionado atrás) pode resultar em imperfeições na pesquisa, acreditamos que os resultados obtidos podem gerar discussões pertinentes para fins académicos, além de levantarem indícios para pesquisas futuras.

A escolha das escolas deu-se a partir das características em comum, por serem unidades públicas localizadas na Zona Norte de São José dos Campos. Com a autorização da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, foi enviado o convite à participação a algumas unidades públicas localizadas no mesmo recorte geográfico, por estarem mais distante do centro da cidade, sendo que ambas concordaram em participar da pesquisa.

Considerando a realidade do ensino público nas escolas brasileiras, principalmente nas regiões distantes dos grandes centros e capitais – da qual resulta a falta de estrutura informática para aplicação de inquéritos online –, optou-se pela aplicação de questionário impresso pela democraticidade que o papel impresso oferece neste cenário. Os dados recolhidos e aqui apresentados e analisados resultam do conjunto de 34 questões distribuídas por três partes nas quais se organiza o inquérito:

- A primeira parte compreende a integração da tecnologia no dia a dia dos alunos e os seus hábitos de utilização dos recursos tecnológicos dentro e fora do ambiente escolar;
- A segunda parte busca identificar os hábitos quanto ao consumo de notícias e informações do jornalismo nos média em geral (tradicionais e tecnológicos);
- Por último, a terceira parte pretende avaliar de forma prática como os jovens se relacionam com a informação, desinformação e identificam as desinformações que estiveram presentes nos média brasileiros nos últimos anos.

A pesquisa bibliográfica foi de extrema importância na tentativa de relacionar os conceitos abordados, o que compreende o jornalismo transmídia, literacia para os mídia e a desinformação. De acordo com Stumpf (2010), a pesquisa bibliográfica assume duas dimensões importantes no processo de pesquisa. A primeira referente ao planejamento inicial, fase inicial de qualquer projeto de pesquisa, que parte da identificação, localização e obtenção de referências que fundamentam o trabalho: “[...] Onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, para evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido das suas próprias ideias e opiniões” (Stumpf, 2010, p. 51).

A segunda dimensão importante na pesquisa bibliográfica, segundo a autora, concentra-se na parte prática e torna-se imprescindível na elaboração do manuscrito. Esta compreende o “[...] conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respetiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para serem posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico” (Stumpf, 2010, p. 51).

1.1 Características das escolas

A Escola Estadual Professora Dirce Elias está localizada no bairro dos Freitas. O complexo educacional compreende-se como uma escola rural com turmas do ensino fundamental ao último ano do ensino médio, como é conhecido no Brasil, ou do ensino básico ao secundário, como é nomeado em Portugal. A unidade está situada num bairro com poucos recursos, sendo necessário o deslocamento ao centro da cidade para ter acesso a suporte de saúde, mercados, universidades, indústrias, etc. Recentemente passou a ter uma biblioteca com livros ainda não catalogados e não possui computadores. Há dois anos, no mesmo ano em que conseguiram criar uma sala de informática, a unidade foi invadida e levaram os únicos dez computadores que eram oferecidos aos alunos.

A segunda unidade escolar, a Escola Estadual Ilza Irma Moeller Coppio, está localizada no bairro Vila Sinhá, próximo à região central da cidade. Desde 2013 a unidade passou a trabalhar de forma integral, seguindo um novo modelo adotado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Diferente do modelo tradicional de ensino público no Brasil com carga horária de cinco horas por dia, o ensino integral possibilita que os alunos do ensino médio tenham uma jornada de até nove horas e meia dentro da escola, com “professores-precetores” que acompanham o desenvolvimento dos estudantes durante o ano, além de planos de aulas que contemplam atividades práticas e projetos estruturados. A unidade conta com salas temáticas de português, história, arte e geografia, além de sala de leitura e informática. A escola oferece aos alunos

sete computadores portáteis e dez computadores de mesa, sendo preciso dividir os equipamentos em dupla.

Os dados foram colhidos entre os dias 02 e 07 de março de 2020. O inquérito foi aplicado nas escolas após o consentimento com parecer ético concedido pela Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH), em concordância com o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), da Universidade do Minho, com a autorização da Delegacia de Ensino de São José dos Campos, representante da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

2. Literacia Mediática para democratização da informação e a manifestação da cidadania e dos direitos

O cenário atual, com o domínio dos média tecnológicos de comunicação e informação, exige o desenvolvimento de novas competências que possam contribuir com aprendizado de novas formas de pensar, consumir, produzir e compartilhar informação. A apreensão de novas formas de literacia emerge nas sociedades multimidiáticas como recurso para a construção de “novas formas de saberes” (Peruzzo, 1999; Lopes, 2011; Livingstone, 2004). Com a passagem da sociedade industrial para a sociedade da informação, o conhecimento pré-estruturado que moldou a educação de jovens e adultos em meados do século XX abriu espaço para necessidade de adoção de novas ferramentas educativas que pudessem contemplar também os média. Assim, não bastando apenas a replicação dos saberes descritos nos livros, mas também a utilização das narrativas produzidas pelos média como fonte de conhecimento e reflexão.

Paula Cristina Lopes (2011) indica que o conceito de literacia surge a partir dos anos 1970, tendo como base três elementos-chave: competência de leitura, de escrita e cálculo. O domínio destas três competências, consideradas indispensáveis para o bom desempenho na vida quotidiana, foi responsável pela estruturação da educação escolar durante várias décadas. Para Lopes (2011, p. 03), o conceito de literacia é amplo e transversal, uma vez que não se trata apenas do domínio e reprodução do conhecimento em si, mas do domínio crítico e reflexivo acerca do conhecimento recebido.

Tendo em vista as mudanças que nos atravessam, a convergência entre os média coloca a escola diante do desafio que consiste na reestruturação pedagógica, através da promoção de novas formas de literacia. Segundo Paulo Freire (1987), o uso dos média como ferramenta pedagógica remete para a transversalidade necessária para que os indivíduos possam desfrutar de uma educação transformadora. O educador ressalta que a integração da escola com

os média propõe despertar a leitura do mundo, fazendo com que a educação se aproxime da realidade. Neste sentido, a educação é concebida como um processo de construção de consciência crítica, e os média correspondem ao canal capaz de despertar nos jovens a criticidade em relação aos fatos do quotidiano.

Sonia Livingstone (2004, pg. 2), no seu artigo "*What is media literacy?*", adverte de antemão que é cada vez mais necessária a adoção e transmissão de novas competências e habilidades à população, para que todos possam fazer uso das tecnologias de comunicação e informação de forma eficiente e segura. A pesquisadora observa que as habilidades e competências passam por distintas áreas do mercado de trabalho à educação, com domínios de altos e baixos níveis de literacia sobre os média e as redes, de acordo com cada indivíduo.

Em 2000, o Conselho da Europa definiu que a promoção de competências em literacia para os média poder ser compreendida como

uma prática pedagógica que visa o desenvolvimento da competência mediática, entendida como uma atitude crítica e criteriosa em relação aos media, a fim de formar cidadãos equilibrados, capazes de fazer seus próprios julgamentos com base nas informações disponíveis. Permite-lhes aceder à informação necessária, analisá-la e ser capaz de identificar os interesses económicos, políticos, sociais e / ou culturais que estão por trás dela. A educação para os média ensina os indivíduos a interpretar e produzir mensagens, a selecionar os meios mais apropriados para se comunicar e, eventualmente, ter uma voz mais ativa na oferta e nos produtos mediáticos (Conselho da Europa, 2000).

O documento europeu defende que a educação para os média permite que os cidadãos exerçam a liberdade de expressão e o acesso à informação. Desta forma, a literacia não deve ser compreendida apenas como desenvolvimento de cada indivíduo, mas, sim, como uma mudança que provocará mudança em todo o tecido social através da participação da sociedade nos debates sociais. "Nesse sentido, prepara-os para a cidadania democrática e a consciência política" (Conselho da Europa, 2000).

Em 2016, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) lançou o manual sobre "Alfabetização Midiática e Informacional: Diretrizes para a Formulação de Políticas e Estratégias". No documento, a UNESCO descreve a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) como "uma base para aumentar o acesso à informação e ao conhecimento, intensificar a liberdade de expressão e melhorar a qualidade da educação." Logo no início, o documento salienta que a Era Digital demanda diferentes formas

de competências/alfabetização; que passam pela “alfabetização no acesso a notícias, alfabetização televisiva, alfabetização cinematográfica, alfabetização computacional, alfabetização nos média sociais, alfabetização para o uso da internet” e denota, assim, a complexidade existente no universo das literacias para os média. A AMI é a base para a liberdade de expressão, para o acesso à informação e para a educação de qualidade para todos. Sem as competências da AMI, os cidadãos não podem ser bem informados porque não têm acesso à informação e não são capacitados para processá-la e usá-la. Isso torna difícil para os cidadãos, incluindo os jovens, participar ativamente nas suas comunidades e sociedades, bem como inviabiliza uma governança boa e eficaz (Mendel, 2005 apud Grizzle, 2016).

Na sua dissertação de Mestrado, Beatrice Bonami Rosa (2016, p. 40) se esforça para categorizar todas as formas de literacia e, assim, separa os ideais das literacias digitais das literacias para a informação, apesar de reconhecer “que as literacias digitais se aproximam do sentido das literacias da informação.” Posto isso, sabendo das multiplicidades de literacias presentes no universo da comunicação, o termo literacia para os média, adotado nesta pesquisa, compreende todas as formas de literacia mediática, alicerçando-se nos média digitais, de comunicação e de informação.

No Brasil, como pontua Rosa (2016, p. 26), a literacia é tradicionalmente utilizada para “designar novas habilidades desenvolvidas pelo sujeito exposto às novas mídias, informações e tecnologias.” Contudo, apesar do domínio de novas formas de literacia para os média ser o caminho para a educação cívico-mediática, uma vez que, estes exercem grande influência na forma como nos posicionamos em sociedade, existem algumas dificuldades de avaliar o domínio das competências. Segundo Livingstone (2012, p. 4), apontada na pesquisa de Pereira, Pinto e Moura (2015), “ainda há poucos entendimentos sobre a Literacia Mediática ou sobre como medir e, por conseguinte, poucas evidências sobre os efeitos dos esforços para a melhorar.” Por isso, diferentes tentativas têm buscado dar respostas ao avaliar o grau de literacia mediática em jovens e adultos ao redor do mundo.

Para Gabriela Goulart Mora e Natália Oliveira Teles Silva (2019) “o cenário da hiperconectividade e a convergência mediática, aliados às possibilidades de comunicação e informação oriundas desses processos, constituem uma realidade com impactos diretos no sistema educacional” (Mora e Silva, 2019, p. 7056). Diante deste cenário, as autoras consideram que as diretrizes e documentos educacionais que abordam formas de literacia relativas aos jovens surgem ao redor do mundo, surgem da preocupação trazida pelos meios digitais. As pesquisadoras ressaltam no seu trabalho “*The new generations*

and the media literacy: possibilities to educate for citizenship" que é preciso que haja uma adequação dos processos pedagógicos para a educação formal: "Isso requer modificações de processos e currículos para satisfazer o novo, não apenas no que se refere às tecnologias, mas também às novas formas de ensino e aprendizagem" (ibid. 7056).

3. Um olhar sobre os jovens e a relevância de estreitar a relação entre a escola e os média de informação

Neste estudo, consideramos que as desinformações que circulam nos média (neste caso, tendo como pano de fundo o Brasil) também usam os elementos da narrativa transmídia para despertar emoção, ganhar visibilidade e gerar compartilhamentos. Muitas vezes simulando informação jornalística (Fontcuberta, 1999; Silva, 2019; Gallo, 2017), as desinformações convertem-se em um "penhasco" capaz de comprometer a credibilidade do jornalismo. Através da simulação, as desinformações exercem influência na atuação do público em sociedade, conseguindo minar os sistemas democráticos ao redor do mundo. Em oposição à desinformação, a promoção de novas formas de literacia por parte da educação escolar pode contribuir para a formação de jovens mais críticos em relação aos conteúdos consumidos pelos média.

Isso porque os média digitais vêm a facilitar há alguns anos a multiplicação de discursos alternativos e informações sem precedentes, materializando-se numa grande arena discursiva em que membros anónimos desenvolvem discursos com o intuito de moldar a opinião pública. Neste movimento, surgem dois grandes problemas: num primeiro momento, quanto maior é a exposição à internet e menor for o domínio educação mediática, maiores são as hipóteses de consumir e partilhar desinformações. A seguir, quanto menores forem as possibilidades dos jovens convergirem entre os média – redes, plataformas e as narrativas – atrelados a falta de literacia, os riscos na participação social aumentam exponencialmente. Como enfatiza Rosa (2016, p. 49) a literacia "se apresenta como um direito básico de todos os cidadãos, pois tange o próprio desenvolvimento humano pelo direito de se expressar livremente."

Livingstone (2004, p. 2) considera que o nível mais alto de literacia mediática consiste na "capacidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens numa variedade de contextos". Somente a partir do domínio destas habilidades, a autora considera que seja possível a plena participação democrática dos sujeitos nos debates sociais. Assim, o empenho por parte da escola e dos agentes socioeducativos na promoção de novas formas de literacia para os média converte-se também numa atitude democrática. Para Caetano (2017, p. 5), as adversidades inerentes à sociedade da informação desafiam a escola e os agentes que trabalham com educação, em espaços formais e não-formais, a buscarem maneiras de os jovens ampliarem a leitura do mundo.

A ideia de convergir a educação com os média de comunicação e informação revela-se como sendo um poderoso instrumento socioeducativo capaz de promover o pleno exercício da cidadania por parte dos jovens e a participação integral de qualquer cidadão nas pautas sociais. De acordo com Cecília Peruzzo (1999, p. 218), “a participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania (...), a pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos à sua cultura”.

Após a explosão da internet e das novas tecnologias, Prensky (2001) cunhou o termo “nativo digital” para designar a geração dos jovens que, segundo o autor, diferem dos jovens anteriores, não apenas no modo de agir ou de se vestir. Ele argumenta que estes nativos digitais já nasceram cercados pelas tecnologias, manuseando computadores, tablets, vídeo-games, câmeras de vídeo, telefones, smartphones, jogos online e tantos outros dispositivos digitais. Neste sentido, o termo parece tomar como certo que os jovens que nascerem após a popularização das tecnologias e das redes já nasceram com habilidades suficientes para manuseá-las.

Conforme alerta Petrella (2012), é perigoso aplicar acriticamente a expressão “nativos digitais” aos jovens que cresceram na sociedade em rede, por conta do risco de se pensar de maneira generalizada que todos os jovens que nasceram após o advento das redes são plenamente capazes de se autoeducarem para o uso de novas tecnologias. Assim, em oposição ao conceito de nativos digitais, a literacia surge, como já pontuado por Rosa (2016), como forma de “designar novas habilidades” dos média às tecnologias. Não se trata, portanto, de ensinar a fazer, mas de pensar no que está a fazer. Isto é, não basta à escola e à educação escolar prover computadores para os alunos se conectarem à rede, se o que a rede provoca não for objeto de reflexão. Ou então, não é suficiente estimular que um estudante pesquise uma informação, sem abordar o risco de as desinformações poderem sugerir em diferentes áreas.

4. Adesão dos jovens aos média e tecnologias: apresentação e discussão dos resultados preliminares

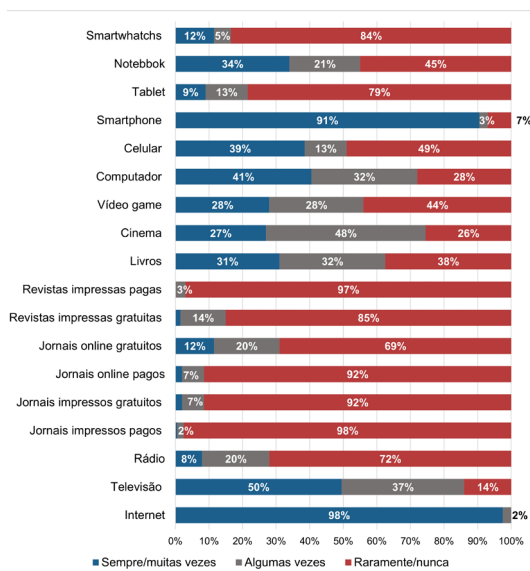
O processo de aprendizado para leituras transmídia depende da transitoriedade ou convergência dos jovens em relação aos média. Ou seja, o desenvolvimento de comportamentos transmediáticos por parte dos jovens requer que estes sejam capazes de convergir entre os média, as plataformas e as tecnologias. Brites (2015, p. 40) avalia que as tecnologias, mais precisamente a internet, constituem, atualmente, uma categoria de bens que não devem ser negligenciados e “devem ser identificados como essenciais para prevenir a exclusão social.” Para tanto, buscou-se identificar primeiro os hábitos culturais dos adolescentes em relação ao uso das tecnologias e consumo dos média de

informação, comunicação e entretenimento. Paralelamente, a questão em que se pede que os jovens indiquem quais os meios que mais utilizam diariamente e possuem em casa, também permitiu-nos traçar o seu perfil socioeconómico. Ao serem questionados sobre os média e tecnologias que mais usam no dia-a-dia, 98% dos inquiridos afirmam que a internet está presente “sempre/muitas vezes” no seu quotidiano. Nada surpreendente, 91% responderam que sempre usam smartphones e apenas 7% disseram que “raramente/nunca” usam smartphones.

A questão permitiu-nos constatar que os média tradicionais de informação ocupam pouco espaço nos hábitos de consumo dos inquiridos. Tanto as revistas impressas gratuitas, quanto as revistas impressas pagas, não tiveram um número significativo de consumidores. 97% dos estudantes responderam que não costumam ler revistas pagas, sendo compreensível se tivermos em consideração a realidade socioeconómica da grande maioria dos brasileiros e o investimento necessário para fazer a assinatura de uma revista. Por outro lado, ao referir-se as revistas gratuitas, apenas 1% respondeu que as lê “sempre/muitas vezes”. Na mesma perspetiva, os jornais impressos pagos não costumam participar da dinâmica dos estudantes: quase a totalidade, 98%, afirmaram nunca ou raramente recorrem aos jornais impressos pagos.

No total, 12% afirmam que “sempre/muitas vezes” usam as informações jornalísticas digitais e gratuitas. Apenas 1% dos jovens afirma ter em casa acesso aos jornais online pagos com certa regularidade.

Gráfico 1: Hábitos de consumo dos média e tecnologias



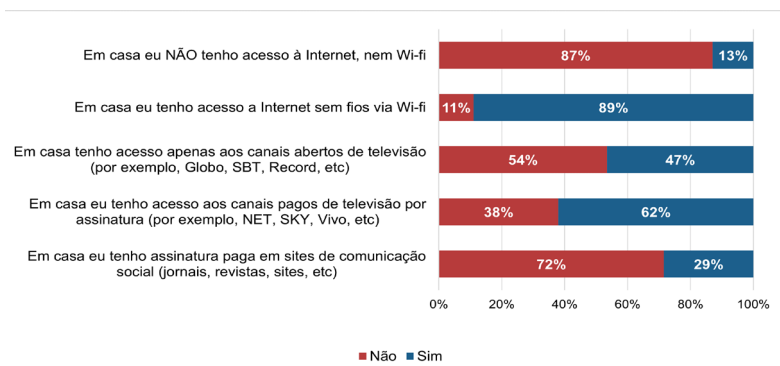
Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Apesar do número significativo de jovens com acesso à internet e smartphones nas mãos, a televisão mostrou-se resistente como meio mais utilizado em casa pelos inquiridos, 50% responderam que veem televisão sempre/ muitas vezes. Durante décadas a televisão ocupa um espaço significativo como principal meio para se obter informações e entretenimento nos lares brasileiros. Isso deve-se, provavelmente, ao fato de a televisão ainda contemplar as condições socioeconômicas e culturais dos brasileiros frente aos outros dispositivos tecnológicos. Na mesma linha dos média tradicionais, 8% responderam que ouvem rádio sempre ou com muita frequência e 72% afirmaram que nunca ou raramente ouvem conteúdos radiofônicos.

4.1. Acesso à internet e aos média de informação em casa

O acesso à internet e aos média de comunicação e informação é indispensável para a participação dos jovens nos debates sociais (Brites, 2015). Deste modo, o acesso à internet e aos média contribui para a apreensão de novas formas de literacia que emergem nas sociedades multimidiáticas como recurso para a construção de “novas formas de saberes” (Peruzzo, 1999; Lopes, 2011; Livingstone, 2004). Neste sentido, buscou-se identificar o envolvimento dos jovens com as redes e com os média de informação.

Gráfico 2: Acesso à internet e aos média



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Em relação ao acesso à internet, a pesquisa revelou que 87% dos jovens estudantes das escolas públicas avaliadas têm acesso à internet dentro de casa. Apenas 13% respondeu que não possui internet e 11% indicou que não possui conexão via Wi-Fi. Em relação aos média de informação, mais precisamente do jornalismo, 72% afirmaram não ter assinaturas de jornais, revistas ou sites de cunho informativo. Por outro lado, os média do entretenimento ganham

mais espaço as casas dos jovens. Os canais pagos de televisão, incluindo os *streamings*, aparecem com mais frequência na dinâmica familiar dos inquiridos. 62% alegaram que possuem assinaturas de canais pagos em alguma outra plataforma de vídeo. Já os que possuem acesso apenas aos canais de TV aberta somam 47%.

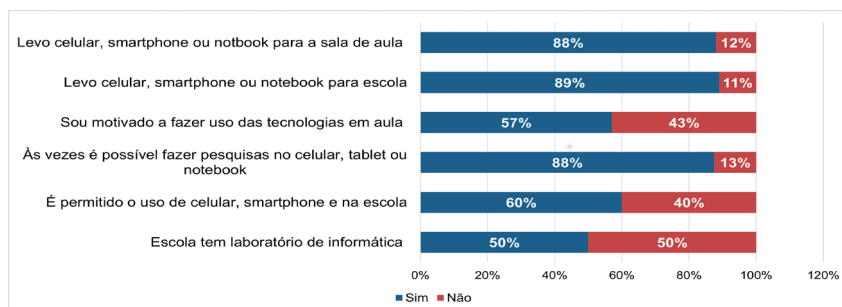
4.2. Estrutura das escolas e política de incentivo ao uso de tecnologias e mídia

Segundo Jenkins (2019, l.772), “são as pessoas com o maior acesso às novas tecnologias mediáticas que detêm as habilidades necessárias para participar plenamente das novas culturas do conhecimento.” Sabendo do déficit das escolas públicas brasileiras quanto ao uso das tecnologias, interessou-nos saber sobre os hábitos dos estudantes quanto ao uso individual das tecnologias em ambiente escolar.

Como as escolas reagem ao uso de telefones celulares, smartphones, notebooks e tablets? No gráfico a seguir, podemos observar que 89% dos inquiridos afirmam que levam algum dispositivo tecnológico para a escola, dado similar ao número de alunos que levam para dentro da sala de aula, 88%. Ponderou-se nesta questão que nem sempre o aluno que leva algum dispositivo para dentro da escola tem a liberdade de usá-lo dentro da sala de aula.

Apesar do número considerável de estudantes portando algum tipo de dispositivo, 40% afirmam que a política escolar não permite o uso dos dispositivos dentro da escola.

Gráfico 3: Uso de tecnologias no ambiente escolar



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Em relação à motivação por parte dos professores em sala de aula, quanto ao uso dos dispositivos tecnológicos, 57% considera se sentir motivado a usá-los durante as aulas. Apesar do número significativo, 43% disseram que não se sentem motivados a fazer uso das tecnologias durante as aulas. Através das práticas convergentes, o educador será responsável pelas dinâmicas de

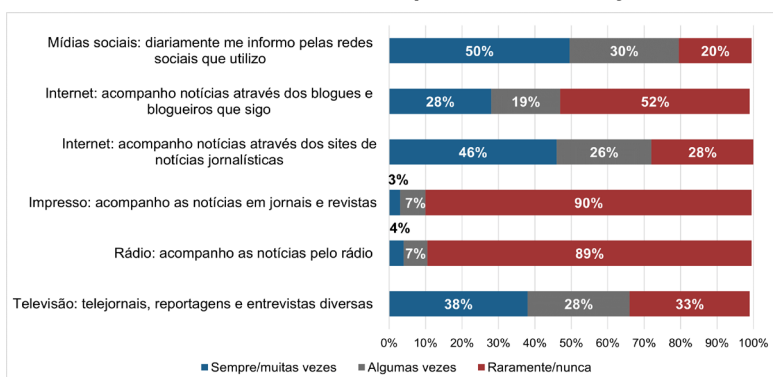
ensino que possam trabalhar a tecnologia e os média (Rosa, 2016). Sendo assim, o estímulo ao uso das tecnologias em sala de aula pode valer-se dos dispositivos que, como apontam os dados, já estão nas mãos dos jovens estudantes das escolas públicas brasileiras.

4.3. Meios utilizados pelos jovens para obterem informações

Hoje as desinformações chegam a todos, principalmente pela internet, e a convergência entre os média digitais, com as redes sociais, participa na disseminação em massa de conteúdos duvidosos. Se por um lado a convergência influencia na multiplicação de informações, por outro a falta de comportamento que contemple a convergência pode afetar a compreensão dos fatos narrados pelos média de informação. Nesta realidade, habita também uma certa dualidade em relação à convergência, já que nem sempre maior quantidade de informações recebidas é sinónimo de estar bem informado (Fontcuberta, 1999). Ademais, como postula Coimbra (2010), os excessos informativos também podem causar saturação das informações e serem convertidos em desinformação.

No Brasil, a penetração da internet pode equiparar-se aos média tradicionais como a televisão. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), no último ano, o número de domicílios com acesso à internet chegou a 90%, totalizando mais de 65 milhões de domicílios conectados¹. A informação em rede se destaca em relação à potencialidade descentralizada de distribuição das informações (Ortellado & Ribeiro, 2018). Sabendo disso, o meio que os estudantes usam para adquirir informações impacta diretamente na quantidade e na qualidade das informações recebidas.

Gráfico 4: Meios utilizados para obter informações



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

¹ Pesquisa disponível em <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa>.

No gráfico 4, dos média que aparecem com baixo índice de usabilidade entre os estudantes estão os jornais e as revistas impressas, seguidos do rádio, respetivamente com 3% e 7% de adesão. A televisão e as produções televisivas no âmbito do jornalismo aparecem com 38% no total consumidores. Em primeiro lugar, no uso diário como meio para obter informações, concentram-se as redes sociais, com 50% dos jovens, a metade da amostra. A internet com as produções do jornalismo aparece com 46% e, a seguir, a rede aparece no quotidiano de 28% dos estudantes, através de blogs e blogueiros disponíveis nas plataformas digitais.

Como esperado, a internet é a força impulsionadora na transmissão de informações aos jovens. As três primeiras questões que abordam a rede, somadas, atravessam o quotidiano de todos os jovens participantes. Analisando este comportamento que prioriza a internet, mas, principalmente, as redes sociais como principal meio para adquirir informação, acende-se também um alerta. Em primeiro lugar porque, como vimos, é a internet que ajuda a criar e a potencializar as desinformações (Meneses, 2018; Chistofolletti, 2018) numa escala sem precedentes, uma vez que esta permite a participação de todos os autores sociais que, assim, também passam a disputar espaço da informação com o jornalismo (Spinelli e Santos, 2018).

Em segundo lugar, a partir deste tópico, também podemos problematizar sobre a falta de comportamento de convergência por parte dos jovens. Nota-se uma tendência dos jovens em consumir informações a partir das redes digitais. Em outras palavras, se a convergência diz respeito a integração de todos os média para a circulação das narrativas, os estudantes privilegiam as informações nos ambientes digitais.

4.4. Índices de literacia sobre o jornalismo e informações jornalísticas

A notícia é um conceito aberto e cada um pode definir o que é notícia para si conforme as suas bagagens e vivências (Fontcuberta, 1999). Esta definição molda-se segundo as transformações da sociedade em que está inserida. Contudo, em via de regra, em qualquer recorte de tempo as notícias fomentam a participação dos cidadãos nos debates, provocando mudanças por meio do acesso à informação. Além disso, nenhum indivíduo é capaz de tomar decisões assertivas sem ter o conhecimento dos acontecimentos que referem à sua realidade política, social e cotidiana (Hudec, 1990; Spinelli e Santos, 2018).

Para Brites (2015), os média noticiosos desenvolvem um papel importante na monitorização da esfera pública, proporcionando a relação mais colaborativa entre os cidadãos, organizações e a política. Mas durante décadas os média de informação e a educação escolar estiveram de lados opostos, trabalhando cada um à sua maneira. Contudo, a dinâmica da sociedade atual reclama novas propostas de promoção do conhecimento. Nestes tempos a informação constitui

um direito básico, já que indica a possibilidade de participação. O Conselho da Europa, assim como a UNESCO, reconhece que a informação é princípio básico para a cidadania.

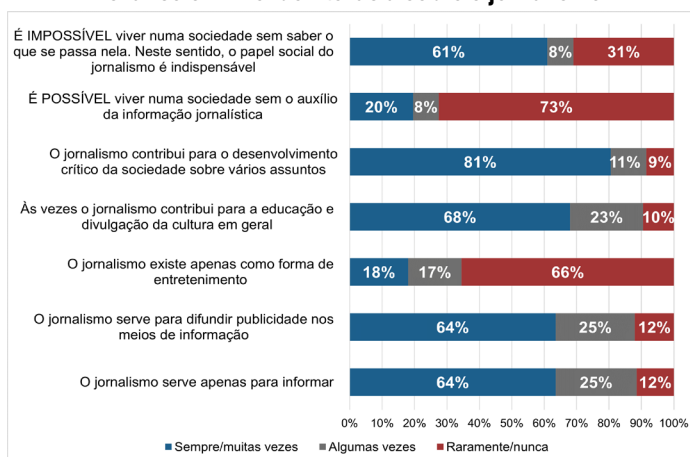
A educação para os média permite que as pessoas exerçam o seu direito à liberdade de expressão e à informação. Não é apenas benéfico para o seu desenvolvimento pessoal, mas também aumenta a participação e interatividade na sociedade. Nesse sentido, prepara-os para a cidadania democrática e a consciência política (Conselho da Europa, 2020).

Compreendendo o papel dos média de informação – do qual faz parte o jornalismo – como promotor do pensamento crítico, concebe-se que o estreitamento das relações entre a educação e o jornalismo é determinante para a promoção de uma pedagogia libertadora (Freire, 1987).

A partir destas ponderações, buscou-se identificar o modo como os jovens estudantes relacionam o papel do jornalismo e a importância atribuída aos média de informação jornalística na sociedade brasileira. Saber identificar o que é o jornalismo e compreender qual é a finalidade da informação jornalística numa sociedade, acabam por integrar novos domínios de literacias que são indispensáveis nesta configuração de sociedades multimídia e multi-informacional.

Portanto, verificar como os estudantes de escolas públicas brasileiras assimilam o ofício do jornalismo pode contribuir para identificar a função que o jornalismo desempenha no imaginário dos jovens estudantes. Por outro lado, também pode fomentar o empenho dos profissionais da educação, dos produtores dos média de comunicação e informação, na busca de métodos que possam colaborar para a educação mediática dos jovens.

Gráfico 5: Nível de literacia sobre o jornalismo



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

De modo geral, a maioria dos estudantes, correspondente a 81%, responderam que “o jornalismo contribui para o desenvolvimento crítico da sociedade sobre vários assuntos.” Apesar de ser uma definição sucinta, esta opção é a que melhor representa a importância que o jornalismo ocupa na sociedade, tendo como base as referências utilizadas nesta pesquisa. Além disso, 68% assinalaram a opção que afirma que “às vezes o jornalismo contribui para a educação e divulgação da cultura em geral.” A seguir, 64% referem que “o jornalismo serve apenas para difundir publicidade nos meios de informação” e, igualmente na mesma proporção, acreditam que “o jornalismo serve apenas para informar.”

Embora grande parte dos estudantes saiba identificar a função do jornalismo no contexto social e 61% concordem que é “impossível viver numa sociedade sem informação e sem o jornalismo”, a dificuldade em identificar com exatidão o desempenho do jornalismo na sociedade pode estar ligada ao distanciamento da educação escolar com os média de informação. Neste sentido, como pontua Livingstone (2004), é preciso pensar em formas de estreitar a relação da educação com os média. Especialmente nestes tempos em que as desinformações atuam também através da força dos cidadãos que não detém os conhecimentos sobre o jornalismo, os processos jornalísticos e os princípios que permeiam os média de informação.

4.5. Comportamento na partilha de informações

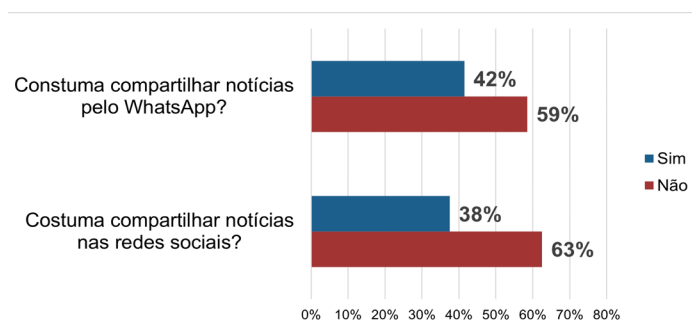
A relação do jovem brasileiro com as desinformações versa de longa data. As jornadas de 2013², as últimas eleições à presidência da república em 2018³ e o movimento antivacina e anticiência expostos com a pandemia pela COVID-19⁴ reforçam a relevância de se pensar na atuação dos jovens nos debates sociais e a sua importância no combate à desinformação.

2 As manifestações populares ocorridas em junho de 2013 reescreveram a participação do público no debate social e político no país. Na altura, inseriram as redes digitais como principal ambiente para articulação e mobilização social, mas também como meio para obtenção de informações. O movimento começou com poucos milhares de estudantes ocupando as narrativas nas redes de sociabilidade e nos espaços públicos contra o aumento da passagem de autocarro, mas logo transformou-se em uma das maiores manifestações de rua na história contemporânea do Brasil.

3 O uso das plataformas digitais de sociabilidade, mais precisamente o WhatsApp, foram responsáveis pela disseminação de desinformações nas eleições à presidência do Brasil. Segundo Tai Nalon, diretora da plataforma de checagem Aos Fatos, em entrevista à Almudena Barragán, à medida que a campanha presidencial no país ia chegando à sua reta final, cresciam os boatos e as informações fabricadas com o intuito de atingir o candidato da oposição Fernando Haddad (Barragán, 2018).

4 No Brasil, a pandemia acarretou uma sobrecarga de informações e desinformações nunca vistas. Os média tradicionais, principalmente o rádio e a televisão, alteraram a sua programação para dar conta de cobrir quase em tempo real os desdobramentos da pandemia. A ciência nunca havia sido tão mediatizada antes da COVID-19. Surfando nas ondas das informações, e aproveitando o consumo desenfreado de notícias sobre a pandemia, a disseminação das desinformações passou a fazer parte do quotidiano brasileiro. Inicialmente, as desinformações mais comuns questionavam o uso de máscara; recomendavam remédios milagrosos contra a COVID-19 e criticavam o distanciamento social. Logo, passaram a surgir rumores de que a pandemia seria um vírus criado pela China para movimentar a sua economia. Não bastasse o absurdo, também brotou a teoria da conspiração de que o vírus teria sido criado pelo Partido Comunista Chinês.

Gráfico 6: Partilha de informações



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A presença de partilha de discursos sugere a necessidade de se pensar o jovem e a desinformação. Ainda mais quando constatamos a baixa adesão dos jovens quanto ao consumo de informações jornalísticas, conforme o gráfico 4. Ponderando sobre o comportamento de partilha nas redes, foi questionado aos estudantes se eles costumam compartilhar informações nas redes. Aqui o WhatsApp aparece separado das “redes sociais”, com o intuito de identificar com clareza a potencialidade de partilha que a plataforma de mensagem indica no quotidiano dos estudantes.

Sabe-se que a cultura da partilha é a responsável por colocar a disseminação das desinformações num patamar (Delmazo e Valente, 2017) nunca visto na história da comunicação humana. A cultura da partilha participa das nossas relações diárias como um fenómeno que emerge das relações em rede, podendo ser utilizada de forma positiva ou negativa. Se, por um lado, podemos ter acesso às informações diversas, responsáveis por edificar o conhecimento, do outro surgem as desinformações, capazes de minar sistemas políticos e estabelecer o caos nos debates sociais.

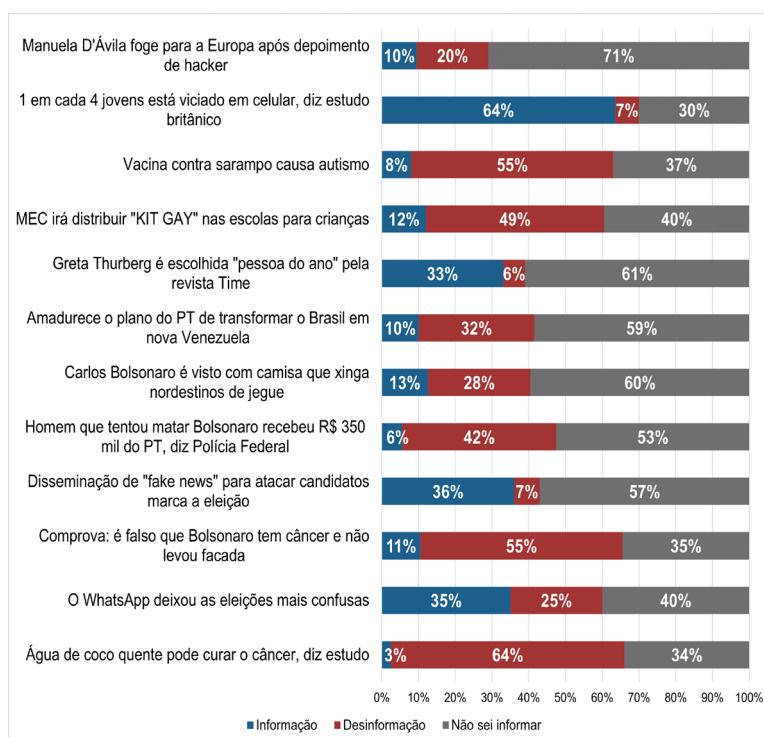
Por essa razão considera-se importante averiguar o comportamento de partilha de informações pelos jovens. Ao que se refere à partilha de informações na plataforma *WhatsApp*, mais da metade, 59%, responderam que não costumam compartilhar informações na plataforma. Ao contrário, 42%, assinalaram que a plataforma de comunicação também é utilizada como meio para compartilhar notícias disponíveis na internet. Em relação ao compartilhamento em outras redes sociais, 63% responderam que não têm o hábito de compartilhar informações. Por outro lado, 38% afirmaram que sim, costumam compartilhar informações nas redes sociais.

4.6. Identificação das informações e desinformações presentes nos média no Brasil

Com o intuito de identificar o nível de literacia que os jovens detêm em relação às notícias que circulam nos média e nas redes no Brasil, foi aplicado um teste com as doze manchetes mais repercutidas nos últimos cinco anos. Dentre as manchetes, oito correspondem às desinformações que apareceram com mais frequência no Brasil nas últimas eleições presidenciais. Já as quatro informações são assuntos mais recentes, do final de 2019.

As informações foram retiradas de meios jornalísticos que estão presentes no dia-a-dia dos brasileiros, com presença nos média digitais, sociais, no rádio ou na televisão. Entre eles o portal G1 e Exame, do grupo Globo, a BBC Brasil e o periódico com versão brasileira, El País. Por outro lado, as desinformações correspondem a páginas nas redes sociais, blogs e sítios web sem credibilidade jornalística.

Gráfico 7: Partilha de informações



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Embora ao final de cada manchete constasse a fonte de onde a “informação” foi retirada, nota-se que muitos jovens estudantes tiveram dificuldades em identificar com exatidão as desinformações, sendo que a grande parte optou pela opção “não sei informar”. Mas o que mais chama a atenção é que os jovens apresentaram dificuldades em relacionar as manchetes informativas com os média do jornalismo presentes no Brasil. Isso leva-nos a ponderar que talvez os jovens estudantes das escolas públicas avaliadas não saibam quais são os média do jornalismo presentes no Brasil.

A manchete com melhor desempenho, com 64% de acerto, indica que *“1 em cada 4 jovens está viciado em celular, aponta estudo britânico”*. A notícia foi veiculada em novembro de 2019 pelo site G1, quatro meses antes da aplicação dos inquéritos. Para 7% dos inquiridos, esta informação é, contudo, desinformação.

Em seguida, a notícia *“Disseminação de ‘fake news’ para atacar candidatos marca eleição”*, divulgada pelo portal Exame em outubro de 2018, dias antes da eleição de Bolsonaro, foi identificada como informação por 36% dos estudantes. Contudo, para 25% esta manchete foi atribuída como desinformação.

Em terceiro lugar, o artigo publicado pelo El País Brasil em junho de 2018, intitulado *“O WhatsApp deixou as eleições mais confusas”*, foi classificado como informação por 35% dos jovens. 25%, entretanto, indicaram esta opção como desinformação. Para finalizar, a manchete *“Greta Thunberg é escolhida ‘pessoa do ano’ pela revista Time*. A informação divulgada em dezembro de 2019 pelo portal de notícias G1 ganhou repercussão em outros média de informação no Brasil, justamente no período em que a ativista se opunha às medidas impostas pelo Governo Bolsonaro em relação à preservação da região Amazônica. No total, 33% dos estudantes caracterizaram a manchete como informação. 6% acreditaram que se tratava de uma desinformação.

Em relação às desinformações, destaca-se primeiramente a manchete *“MEC irá distribuir ‘KIT GAY’ nas escolas para crianças”*. Como visto, esta desinformação ganhou repercussão nacional no Brasil, em 2018, sendo um divisor de águas no resultado das eleições, beneficiando o discurso conservador dos grupos radicais. Tempos depois, a desinformação do “KIT GAY” nas escolas ainda gera discussões e, embora já tenha sido classificada como desinformação, a “fake news” ainda gera dúvidas. A pesquisa mostra que 12% dos estudantes do ensino médio ainda acreditam que esta desinformação é, na verdade, informação.

Ainda que 49% dos jovens tenham identificado a manchete como desinformação, 40% não souberem classificá-la como informação ou desinformação. Na soma dos que não souberem classificar a manchete e os que acreditam se tratar de uma informação, o número dos jovens chega a metade da amostra. E assim, deixa supor, como postulam Keersmaecker e Roets (2017)

e Massarani *et al.* (2019), que uma desinformação, mesmo após ser classificada como tal, continua exercendo influência nas tomadas de decisões, justamente pela sua capacidade de perdurar por tempos.

Considerações finais

A análise dos resultados dos inquéritos por questionário realizados junto dos jovens das unidades de ensino selecionadas, permitiu-nos observar um distanciamento entre a educação escolar e os média de informação e comunicação. Embora a educação escolar não seja a única responsável pela construção do conhecimento dos estudantes em relação aos média, já que este aprendizado é transversal, o distanciamento da educação face ao jornalismo pode estar associado às dificuldades que os estudantes indicaram em relação ao papel do jornalismo na sociedade. O estreitamento da relação entre a educação e os média de informação pode auxiliar os estudantes a identificar a linha ténue que existe entre as informações produzidas pelos média do jornalismo e outros tipos de conteúdo.

Considera-se que as escolas públicas avaliadas oferecem estruturas tecnológicas insuficientes que contemplem os aspetos da convergência. Além disso, a dinâmica de ensino se caracteriza como insuficiente no sentido de integrar os aspetos da convergência mediática como prática pedagógica na promoção de novas formas de literacia para os média. Desta forma, impossibilitam que os jovens estudantes desenvolvam comportamentos que os permitam experienciar a prática de leituras transmédia das informações e desinformações. Isso porque, como visto, os aprendizados de novas formas de literacia dão-se através da experimentação de novas propostas de ensino. Ou seja, é insuficiente apenas oferecer computadores aos jovens estudantes, sem abordar a importância dos média do jornalismo, da informação e os caminhos na busca por informações confiáveis.

Emprestando de Primo (2010) a convicção de que a convergência não deve ser vista apenas com viés tecnológico, acredita-se que a educação escolar deve integrar a educação para os média. Como observa Mota (2014), nos processos de leituras transmediáticas é o público que assume o papel de convergir, buscando informações em diferentes média e formatos e comparando os resultados encontrados. Neste caso, a integração das narrativas pedagógicas com as narrativas produzidas pelos média de informação e comunicação pode proporcionar o aprendizado de uma realidade simultânea e dinâmica.

Embora os estudantes façam uso massivo da internet, das redes sociais e das tecnologias de comunicação e informação, principalmente dos smartphones, existe pouco empenho no consumo de informações produzidas pelos média do jornalismo. Por conta disso, pondera-se que os estudantes podem estar mais

suscetíveis aos riscos das desinformações e menos aptos a identificar o que é informação e o que é desinformação. O comportamento de partilha nas redes e na plataforma *WhatsApp* reforça que os jovens brasileiros em questão, mesmo não tendo pleno domínio sobre o que é informação e desinformação, podem contribuir para a propagação de desinformações.

Como visto, o fenómeno das desinformações no Brasil acende um alerta sobre a necessidade de se pensar este problema em todas as instâncias, de modo que a educação escolar não deve se eximir desta responsabilidade. Pensar no jovem enquanto a solução para um possível futuro de mudanças sociais, demanda integrá-lo em todas as demandas que emergem da *Sociedade da Informação* (Castells, 2007). Por fim, considera-se ser necessário reforçar que a educação escolar deve promover a convergência, que não é apenas tecnológica, mas também das narrativas, da educação com os média de informação. Além de alertar aos jovens estudantes para as linhas ténues que separam a informação do jornalismo das desinformações que circulam nas redes.

Referências bibliográficas

- ALVES, Wanessa Medeiros - *Linguagem Transmídia: Uma Narrativa para a Arte de se Fazer Jornalismo*. São Paulo: Unesp, 2015. Dissertação de Mestrado.
- BAUER, M.; GASKELL, G. - *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
- Brites, Maria José - *Jovens e culturas cívicas: Por entre formas de consumo noticioso e de participação* [Em linha]. Corvilhã: Livros LabCom, 2015. Disponível em: <http://doi.org/DOI: 10.13140/2.1.2141.0081>.
- CAETANO, Lúcia - Media Literacy: Práticas Dirigidas a uma Comunicação Cidadã. In *Pensacom Brasil 2017 - Pensamento Comunicacional Brasileiro: das indústrias culturais às indústrias criativas - ação, criação e imaginação* [Atas]. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/pensacom2017/textos/17-lucia-helena-vieira-caetano.pdf>.
- CARDOSO, Gustavo; BALDI, Vania (coord.) - *As Fake News numa sociedade pós-verdade Contextualização, potenciais soluções e análise*. Lisboa: Observatório da Comunicação (Obercom), 2018. ISSN 2182-6722 [Relatório]. Disponível em: <https://obercom.pt/wp-content/uploads/2018/06/2018-Relatorios-Obercom-Fake-News.pdf>.
- CASTELLS, Manuel - *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. O Poder da Identidade*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério - Padrões de manipulação no jornalismo brasileiro: fake news e a crítica de Perseu Abramo 30 anos depois. *RuMoRes - Revista*

- Online de Comunicação, Linguagem e Mídia Publicada por MidiAto*. São Paulo. ISSN 1982-677X. 12:23 (2018) 56-82.
- COIMBRA, Maria Asumpta - *(Des)Hamano Demasiado (Des)Humano. O Homem na Era Digital: Uma reflexão com Pierre Lévy*. Portugal: Edições Afrontamento, 2010.
- CONSELHO DA EUROPA - *Recommendation 1466 - Media education*. Bruxelas: Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, 2000. Disponível em: <http://www.assembly.coe.int/nw/xml/xref/xref-xml2html-en.asp?fileid=16811&lang=en>
- DE KEERSMAECKER, Jonas; ROETS, Arne - *'Fake news': incorrect, but hard to correct. The role of cognitive ability on the impact of false information on social impressions*. Bélgica: Intelligence, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.intell.2017.10.005>.
- DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas - Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Ética Jornalística para o Século XXI - Novos Desafios, Velhos Problemas. Media & Jornalismo* [Em linha]. 18 (2018) 155-169. ISSN 2183-5462. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_32_11.
- FONTCUBERTA, Mar de - *A Notícia. Pistas para Compreender o Mundo*. 3ª ed. Alfragide: Casa das Letras/Oficina do Livro, 1999.
- FREIRE, Paulo - *Pedagogia do Oprimido* [Em linha]. 17ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>.
- GALLO, Fabio - O persistente mundo da pós-verdade. In BLANCO, Patrícia (org.) - *Pensadores da Liberdade: liberdade e cidadania*. São Paulo: Palavra Aberta, 2017. p. 82-87.
- HUDEEC, Vladimir - *O que é o jornalismo?* Lisboa: Editorial Caminho, 1980.
- JENKINS, Henry - *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2019.
- LIVINGSTONE, Sonia - What is media literacy? *InterMedia* [Em linha]. 32 (2004) 18-20. ISSN 0309-118X. Disponível em: [https://eprints.lse.ac.uk/1027/1/What_is_media_literacy_\(LSERO\).pdf](https://eprints.lse.ac.uk/1027/1/What_is_media_literacy_(LSERO).pdf).
- LOPES, Paula - Literacia mediática - conceito e orientações: a abordagem europeia. Literacia(s) e literacia mediática. *CIES e-Working Paper* [Em linha]. 110 (2011) 1-37. ISSN 1647-0893. Disponível em: [http://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/195/1/literacia\(s\)%20e%20literacia%20mediatica.pdf](http://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/195/1/literacia(s)%20e%20literacia%20mediatica.pdf).
- MALHOTRA, Neresh - *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. pp. 150-165. Rio Grande do Sul: Bookman, 2002.
- MASSARANI, Luisa; CASTELFRANCH, Yurij; FAGUNDES, Vanessa; MOREIRA, Ildeu (coord.) - *O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia?*

- Rio de Janeiro: Fiocruz/COC; INCT-CPCT, 2021. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/Resumo%20executivo%20survey%20>.
- MCLUHAN, Marshall - *Os meios de comunicação como extensão do Homem*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- MITTERMAYER, Thiago - *Narrativa transmídia: uma releitura conceitual*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Dissertação de Mestrado.
- MORA, Gabriela; SILVA, Natália - As novas gerações e a literacia midiática: possibilidades de educar para a cidadania. Curitiba: *Brazilian Journal of Development*. 5:6 (2019) 7053-7071. ISSN 2525-8761. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv5n6-192>
- ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Marcio - Polarização e desinformação no Brasil [Em linha]. Londres: *Open Democracy: Free thinking for the world*, 2018. Disponível em:
- PEREIRA, Sara; PINTO Manuel; MOURA, Pedro - *Níveis de Literacia Mediática: Estudo Exploratório com Jovens do 12º ano*. Portugal: CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho Braga, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/40488>.
- PERUZZO, Cicilia - Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania. *Comunicação e Informação*. Goiás. ISSN 2317-675X. 2: (1999) 205-228.
- PETRELLA, Simone - Repensar competências e habilidades para as novas gerações. Propostas para uma nova literacia midiática. Os novos caminhos da comunicação. *Revista Comunicando* [Em linha], 1 (2012) 205-222. ISSN 2182-4037 Disponível em: <https://doi.org/10.58050/comunicando.v1i1.12.1>
- PRENSKY, Marc - Digital Natives Digital Immigrants. *On the Horizon - NCB University Press* [Em linha]. 9:5 (2001). Disponível em <http://www.marcprensky.com/writing/>.
- ROSA, Beatrice - *A transdisciplinarietà delle letterature emergenti nel contemporaneo connesso: un mapeamento del universo documentale delle letterature di media e informazione (MIL)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Tese de Doutorado.
- SCOLARI, Carlos - *Narrativas Transmedia. Cuando todos los medios cuentan*. Barcelona: Deusto, 2013.
- SILVA, Andreia - Porque é que as fake news se transformaram em protagonistas do jornalismo contemporâneo? *Comunicação Pública* [Em linha]. 14:26 (2019). ISSN 2183-2269 Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/4139>.
- SPINELLI, Egle; SANTOS, Jéssica - Jornalismo na era da pós-verdade: fact-checking como ferramenta de combate às fake news. Palmas: *Observatório* [Em

linha].4:3 (2018) 759-782. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/6261>.

STUMPF, Ida - Pesquisa bibliográfica. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.) - *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas. 2010. p. 51-61.

ZANELLA, Liane - *Metodologia de pesquisa*. 2ª. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

ISSN 2182-7672

